

NOTAS SOBRE ESTILO EM PSICANÁLISE¹

Inezinha Lied Brandão²

A poesia é a linguagem das linguagens, pois é nela e por ela que o inesperado dizer sobre as coisas se anuncia. Ela é sempre inaugural e desconcertante. Não se domestica com poéticas a palavra imprevisível do poema. [...] longe de ser entretenimento ou auto-ajuda, a poesia não cultiva igualdades apaziguadas. Ao contrário, ela devassa discursos, libera diferenças, não pacifica e traz inquietude.

Mario Chamie. Entrevista ao Jornal Estado de São Paulo.

Lacan nos instiga a pensar sobre o que poderia ser um estilo e, com seu peculiar modo de provocar, nos diz para fazer como ele, mas não o imitar. Um estilo seria um modo único, de cada um, ele surge, “simplesmente” se impõe sem planejamento prévio. Mas, como surge? Que lugar tem na vida do sujeito?

Início com uma breve definição de Iris Apfel sobre estilo: estilo é distinto de estar na moda, estilo está no DNA, requer originalidade e coragem. Não é a moda que nos interessa, mas sabemos reconhecer em diferentes segmentos da vida (moda, arte, literatura entre outros), quando alguém se destaca por seu estilo marcante, forte. Trazendo essa questão para nossa psicanálise, proponho pensar estilo com e a partir de algumas noções conceituais como singularidade, invenção, sinthome e saber-fazer-ali-com, em consonância com o período final do ensino de Lacan, especialmente nos *Seminários 22, 23, 24*:

¹ Texto apresentado no VIII Congresso Internacional de Convergencia-Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, *QUAL ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA NA ATUALIDADE?* 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023. Grupo de trabalho «Estilo em Psicanálise»: Ruth Ferreira Bastos-ELPV, Darlene Gaudio A. Tronquoy-ELPV, Inezinha Brandão Lied-Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica, Luciana Vila Lima de Menezes-ELPV, Luíza Bradley-Intersecção Psicanalítica do Brasil.

² Psicanalista, Membro da Maiêutica Florianópolis- Instituição Psicanalítica.

Ao dizer “façam como eu, não me imitem”, Lacan faz um convite à invenção e não à reprodução. Lacan fez mostraçã de seu estilo único. A transmissão passa por *um* estilo, diz Lacan. Então, fazer como ele seria algo como tomar a inspiraçã para que cada psicanalista invente seu estilo e, por essa via, a psicanálise se transmita.

Assim ressaltamos que, para a psicanálise, estilo e transmissã não são disjuntos, mas andam juntos. Em nossa *práxis poiética*, é com seu estilo que cada psicanalista sustenta a singularidade de seu ato.

Mas como assim, inventar um estilo? Cada psicanalista deve percorrer seu próprio caminho em sua experiência *pathemática*, em sua análise pessoal, até que se abram as vias para seu singular estilo. Bem sabemos que a transmissã se dá na análise de cada um, na experiência do sujeito em análise. É ali, no divã, que o um a um toma sua máxima dimensã.

Para falar da experiência *pathemática*, retomo brevemente uma referênci a Agamben que trabalhei em outro momento (LIED, 2007). Em *Infância e História*, Agamben resgata a singularidade da experiência a partir da *Oréstia*, de Esquilo, com a noçã de *páthei máthos*, e diz que se trata de aprender somente de e após um sofrimento, um padecimento que exclui toda possibilidade de prever, de conhecer algo com certeza. A experiência tem uma dimensã de incerteza, e por isso é uma abertura para o imprevisto, para o novo: algo que não estava no repertório do analisante.

É no *Seminário R.S.I* que Lacan introduz a noçã de *pathema* – *páthei máthos* – quando diz que “a paixã do corpo como efeito de linguagem é o *pathema*”. Um psicanalista se forja em sua experiência como analisante, experiência *pathemática*, singular, intransferível, em que cada um vai passando a teoria por seu padecer, em sua própria análise. Trata-se de um campo linguajeiro que tem lugar no divã.

Poderíamos, então, conceber a experiência da psicanálise como geradora de uma *poiésis* (FRANCO, 2010). Considerando *poiesis* como transformaçã e em sua acepçã de *poiein* como um obrar, um obrar que faz violênci com a linguagem, segundo o modo próprio dos

poetas. Mas cabe aqui lembrar que não se trata de transformar o analisante em artista ou poeta, mas sim de gerar as condições para que ele possa separar-se da língua do sintoma para fazer outra coisa, inventar seu sinthome.

Aproprio-me das palavras de Otávio Paz (ensaísta, crítico e escritor), em *O Arco e a Lira*, para dizer algo sobre esse modo dos poetas:

A criação poética se inicia com violência sobre a linguagem. O primeiro ato dessa operação consiste no desenraizamento das palavras. O poeta arranca-as de suas conexões e misteres habituais: separados do mundo informativo da fala, os vocábulos se tornam únicos, como se acabassem de nascer (PAZ, 1982, p. 47). Paz coloca algo muito próximo do que Lacan formula como invenção de significantes novos.

Sinthome e Saber-fazer-ali-com

Lacan reformula o final de análise a partir do Sinthome e dedica todo o *Seminário 23* a sua formulação. É a obra de James Joyce e a função desta na vida do escritor que o instigam a se embrenhar no conceito de sinthome, artificiando com a topologia e a arte. É um artifice aquele que faz com arte. O sinthome é inventado a partir e com aquilo que gerou o sintoma, e, como final de análise, instaura uma declinação do saber, agora transformado em saber-fazer-ali-com, saber-fazer com seu destino. Saber-fazer com a não-relação sexual, sustentando a dor de existir.

Tornar-se responsável por seu saber-fazer-ali-com – aí podemos nos identificar com nosso sinthome.

Em *Intraducción del Psicoanálisis*, Roberto Harari (2004) propõe que o “saber-fazer-ali-com” convoca a três características relevantes do sinthome: solidão, singularidade e artifício.

1. A solidão, pelo fato de que não há lugar a respeito do Outro;
2. Singularidade, pela invenção de um significante novo diferencial;
3. E artifício pois, seja o que for, é “feito com arte”.

Retomando agora a questão do estilo. Penso que também o estilo se enlaça nestas três características. É com o estilo que se inventa o sinthome? Ou a invenção do sinthome dá lugar ao estilo? Ainda que as aproximações e enlaçamentos entre estilo e sinthome sejam perceptíveis, não considero que sejam equivalentes. Mas haveria um sem o outro?

Estilo como via singular para organizar as marcas deixadas pelo Outro.

No que diz respeito à solidão, poderíamos pensá-la conforme propõe Winnicott, como a capacidade de estar só. Mas também pode ser uma “solidão acolhedora”, porque não remete ao desamparo, mas a uma pequena cota de liberdade, na qual o sujeito se reconhece, sustentando a sua marca própria, patenteada, seja o que for: pode ser qualquer coisa!

REFERÊNCIAS

HARARI, Roberto. *Intraducción del Psicoanálisis. Acerca de L'insu...*, de Lacan. Editorial Síntesis: Madri, 2004.

LACAN, Jacques. Seminário XXII: RSI. Aula de 21 de janeiro de 1975. Inédito

LIED, Inezinha. “Testemunhar a experiência do inconsciente”. Texto apresentado no III Congresso de Convergência, Paris, 2007.

FRANCO, Alberto. “Sobre la poiesis y los fundamentos de nuestra praxis”. In: REDTORICA nº 6. Publicación de Mayéutica Institución Psicoanalítica, 2010.

PAZ, O. *O Arco e a Lira*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1982.